



# Incêndio na Igreja

**E**m abril de 2019, perante os olhos atónitos do mundo, as chamas devastaram grande parte de *Notre Dame de Paris*, a catedral mais bonita do mundo, onde tantas vezes entrei, cheio de profunda emoção. Mas estas chamas nada foram, quando comparadas com o fogo devastador que o **Relatório Sauv ** acaba de nos revelar, de trazer à luz do dia, nada mais nada menos do que na Igreja de França, "filha mais velha" da Igreja universal.   um furacão devastador, um vulcão em erupc o.

As torres de *Notre Dame* foram salvas, e o resto será reconstruído em breve, mas duvido que, não apenas, a Igreja da França, mas toda a institui o católica, possam recuperar deste terremoto, esmagador pelo alcance conhecido e pela expansão adivinhada. O alcance e a extensão da dor causada por uma Igreja que prega as bem-aventuranças de Jesus. Pelo que já é conhecido, e pelo que se intui que tenha ficado por saber, será que algo da estrutura eclesiástica merecerá, ainda, permanecer de p ? Não estaremos perante uma vitória da desgraça sobre a bem-aventurança, da tristeza sobre a felicidade? A pergunta pode parecer excessiva, mas explode dos cora es e dos lábios de muitos, irreprimível como uma labareda.

E o pior é que, por mais demolidores que sejam as conclusões do *Relatório Sauv *, acerca dos abusos sexuais de menores, na Igreja da França, o mais devastador, ainda, é o diagnóstico que ele faz, enunciado com um termo contundente: SIST MICO. Não se trata da "maldade" – em que não acredito – de alguns indivíduos doentes, muito embora

em grande número. Trata-se de um mal sist mico, uma pandemia que deriva, inevitavelmente, do próprio sistema em que se baseia a antiga e atual institui o eclesial. Quem quiser entender que entenda, e que ninguém se iluda sobre o tratamento.

Não se trata de meros episódios, de casos pontuais, diluídos e insignificantes, dentro da incont vel massa de clérigos e religiosos da Igreja Católica. Não, os abusos sexuais eclesiásticos são sist micos, e como estranhar que muitas pessoas os qualifiquem como "sistemáticos"? A  estão os números, os horrores que tudo deixam a descoberto. A pedofilia clerical e religiosa está localizada, apenas, atrás do que ocorre na esfera familiar e no âmbito das amizades

- esferas e âmbitos nos quais, de acordo com a mera sociologia, encontraríamos mais católicos do que não católicos -, à frente de todas as outras áreas sociais: desporto, educação, lazer ... E qualquer um pode supor que os números deste Relatório ficam muito aquém do valor real, pois, apenas, refletem os casos veiculados por testemunho pessoal direto.

Embora nos devamos congratular, por ter sido a própria Conferência Episcopal Francesa a lançar uma investigação, rigorosamente, neutra, não deixa de ser perturbador o facto de ter demorado tanto, (que todos tenhamos demorado tanto...), e é duvidoso que, agora, o tenha feito por sua própria iniciativa. É chocante perguntar que cifras se atingiriam, se todos os países, a começar pelos mais católicos - ou por esta mesma Espanha de ontem e, mesmo, de hoje em dia -, investigassem os factos como na França. Neste caso, ao contrário das palavras que o Evangelho de Mateus coloca na boca de Jesus, "as portas do inferno prevaleceram contra a Igreja". É claro que Jesus não podia prever uma coisa destas, porque nunca imaginou, sequer, que aquele movimento de transformação espiritual, social e política, que brotara das palavras que havia proclamado nas colinas e planícies da Galileia ("Bem-aventurados vós os pobres, pois o Reino de Deus que está a chegar é para vós"), se transformaria no sistema que aí temos hoje em dia.

O problema é sistémico. Os abusadores são indivíduos, mas a origem de seu comportamento é o sistema eclesiástico. Os

indivíduos estão doentes, mas o sistema é maligno. A antropologia maniqueísta da sexualidade é doentia e maligna, para não dizer perversa: a condenação de toda a relação sexual como pecaminosa, exceto a praticada no âmbito do matrimónio canónico, o tabu e a diabolização do prazer, a exaltação da castidade, o celibato obrigatório, a culpabilidade obsessiva, o desejo reprimido, a sublimação frustrada, que busca a sua compensação na autoridade sobre as almas e os corpos, tão manifesta nos abusos sexuais. É doentio o sistema clerical: o celibato obrigatório, a sacralização do estado, a exclusão da mulher, a profunda homofobia, tão característica dos clérigos homossexuais.

É doentio e até perverso o discurso sobre o pecado considerado como culpa, e não como dano, e o discurso sobre o perdão, encarado como uma absolvição da culpa, e não como reparação e cura de danos. A prática canônica da confissão sacramental, que nem sequer existiu até ao século XIII, é alienante, e uma fonte de neuroses: alguém comete um abuso sexual, ou mesmo uma violação, procura um sacerdote, confessa-se de ter cometido um "pecado contra a castidade", recebe o perdão de Deus, através do perdão do sacerdote, fica livre da sua culpa, e recupera a tranquilidade da sua consciência, até à próxima vez. E, por uma transferência perversa, mas lógica, a criança abusada ou a jovem violada continuam a atormentar-se, sentem-se culpadas da culpa do abusador ou do violador absolvido em confissão. Um inferno!

Foi bom que o papa, a conferência episcopal e a conferência de religiosas e religiosos, tenham reconhecido a sua imensa dor e a sua vergonha absoluta. Mas isso não basta. Como não será suficiente agravar as penas dos "culpados". Não há culpados, há feridos, e os que ferem também estão feridos, e devemos querer curar a todos eles: as vítimas primeiro, e os perpetradores depois. Também não bastará suprimir o segredo de confissão (o melhor era suprimir o próprio sacramento da confissão ou penitência, na sua forma atual). Se quisermos que o inferno não prevaleça contra a Igreja que se diz de Jesus, é preciso deixar que as chamas devorem o sistema, as suas raízes e suportes teológicos e canônicos, e o transfigurem por completo, com o seu Direito Canônico, o seu modelo clerical de

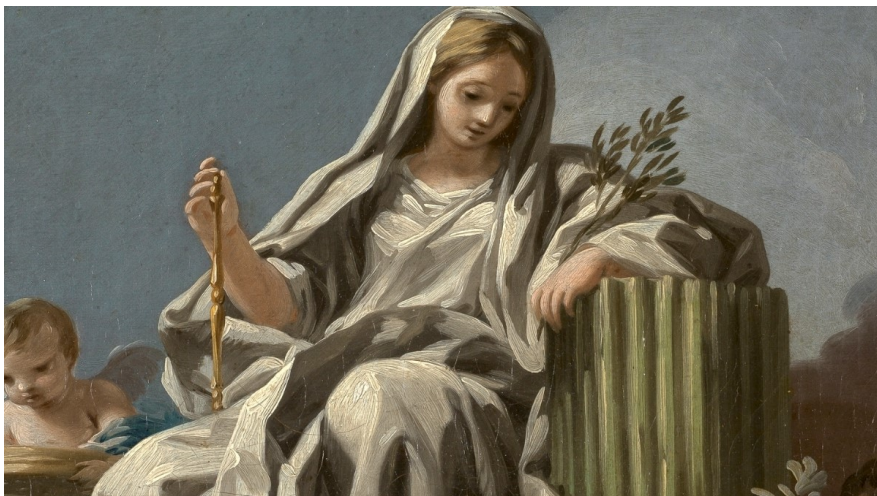
Igreja, e toda a sua teologia e antropologia patriarcal e maniqueísta. "Vim trazer o fogo à terra, e como gostaria que ele já se tivesse ateado!": eis o que Jesus disse, embora nem sequer tivesse sido preciso dizê-lo.

E que a Igreja seja – já não digo, volte a ser – o que Jesus sonhou para aquele movimento galileu sem fronteiras, nem tabus, nem sistemas de poder. E que, sem se preocupar consigo mesma nem com os seus dogmas e cânones, se dedique, de corpo e alma, ao mais urgente e necessário: o respeito, o cuidado e a cura de todos os feridos, a santidade ou saúde e salvação da vida na Terra.

JOSE AGUERRI, teólogo

(09.10.2021)  
<https://josearregi.com/es/incendioe-n-la-iglesia>

# O que é a castidade?



"CASTIDADE" é uma palavra quase sempre incompreendida, melhor, mal conhecida e ridicularizada, sobretudo porque é confundida com a abstinência sexual, com o celibato. A etimologia sugere-nos que é casto ("*castus*") aquele que recusa o incesto ("*in-castus*"). O incesto acontece sempre que não se vive a distância e não se respeita a alteridade, que não é só diferença. Não é casto quem procura a fusão, o apego, a posse: sinal desta busca é a agressividade que, nestes casos, facilmente se acende e manifesta.

A sexualidade – estou disto convicto mais que nunca, após

uma vivida a observá-la, a contemplá-la, a vivê-la na paz e na fragilidade – insere-se no espaço do dom, porque requer dar e receber, e coloca-se sempre na relação entre dois sujeitos. A sexualidade não se reduz à genitalidade: investe, com efeito, toda a pessoa e as suas relações. Por isso, a sexualidade é coisa boa e bela, mas o seu uso pode ser inteligente ou estúpido, amante ou violento, ligado ao amor ou simplesmente à pulsão. A sexualidade impele-nos à relação com o outro, mas depende de nós buscar, nesta relação, o encontro ou a posse, a sinfonia ou a prepotência, o

intercâmbio e a partilha ou a narcisista posse do outro.

Podemos dizer que a castidade é a arte de nunca tratar o outro como um objeto, porque neste caso ele é "consumido" e destruído. Arte difícil e árdua, que requer tempo: não se nasce casto, mas, ao contrário – seja dito com clareza –, nasce-se

incestuoso, e o exercício de separação e de distinção conduz-nos para uma subjetividade verdadeira e autónoma. A castidade confere às relações humanas uma transparência que permite às pessoas reconhecer-se no respeito do seu ser mais íntimo.

**O amor deve vencer sempre, diariamente, sobre todas as forças que lhe são contrárias por obedecerem apenas à pulsão, a qual não quer o bem do outro, ainda que autorize a dizer que ao outro se quer bem**

Pense-se no encontro sexual dos corpos na sua nudez e na inimizade que dele deriva. Quando os corpos na nudez se encontram e entrelaçam, acende-se um conhecimento recíproco que não é comparável ao que podem ter um do outro inclusive os amigos mais íntimos. Partilhar o corpo, partilhar a respiração, partilhar a cama cria uma união que é "conhecimento único", é – ousarei dizer, citando João Paulo II – "liturgia dos corpos", é conhecimento penetrativo, de uma profundidade única. Quando se toca um corpo, não se toca uma coisa qualquer, mas uma pessoa, que não é um objeto de prazer, que não pode ser consumada, mas que é a possibilidade de comunhão

autêntica. Sem esta comunhão não é possível a castidade, mas apenas a obediência à pulsão, ao estro, à posse. Escrevia RAINER MARIA RILKE: «**Não há nada de mais árduo que amar-se: é um trabalho, um trabalho diário... O amor é difícil e não está ao alcance de todos**».

O ato sexual, realizado nos tempos e nos modos que os amantes sabem discernir como belos, bons e "justos", é conhecimento, e não se deve ter medo de afirmar que é precisamente o sumo prazer do ato sexual que incendeia esse conhecimento. Mas não é fácil distinguir este sumo prazer do encontro dos corpos, dos corações, das inteligências, da pulsão. Sim, a pulsão só por si, com a sua prepotência, pode

criar o inferno, e, no entanto, ela habita-nos, e se assim não fosse não seríamos naturalmente capazes de dar-nos e acolher-nos. A pulsão, por si só, pode conduzir a uma união dos corpos que conhece apenas o instante que escapa, e a uma excitação dos sentidos que conhece o envelhecimento precoce dos próprios sentidos. Não é também por isto que muitas vezes as histórias de amor, inclusive seladas publicamente, conhecem o fim e, portanto, o falhanço do amor?

O amor entre duas pessoas é um longo caminho que só a misericórdia de Deus pode fazer ler como caminho possível sem interrupções: da parte dos amantes há sempre uma falha, um não se ser adequado ao outro, uma incapacidade de serem sinfônicos. O amor deve vencer sempre, diariamente, sobre todas as forças que lhe são contrárias por obedecerem apenas à pulsão, a qual não quer o bem do outro, ainda que autorize a dizer que ao outro se quer bem.

**O celibato cristão requer buscar a castidade, mas não se identifica com ela. Do celibato pode dizer-se que é "grandeza", mas deve também dizer-se que é "miséria", essa miséria que cada um conhece nas suas contradições à castidade**

Quando, diante do outro sujeito, não se sabe estar com respeito, como diante de um mistério, de uma transcendência; quando não se é capaz de inclinar-se diante do outro e de o fazer por amor; quando não se percebe o segredo do outro, que escapa à nossa posse, então não se é capaz de castidade. Eis a dificuldade da castidade, quase impossível, impossível de viver, poder-se-ia dizer; Jesus, de resto, advertiu-nos: «Quem olha

uma mulher para a cobiçar, já cometeu adultério com ela no seu coração» (Mateus 5,28). Olhar uma mulher para a cobiçar não é vê-la enquanto mulher, mas é reduzi-la a um objeto, portanto não perceber nela a "pessoa outra"; significa passar ao lado de uma possível relação autêntica, para percorrer outros caminhos que não conduzem à comunhão.

Mas ao colocar-nos perante esta exigência, compreendemos as nossas fragilidades, as nossas

incapacidades, e medimos a dominante animal que está em nós e que nem sempre somos capazes de submeter e ordenar. Precisamente por isto – acredito – Jesus anunciou o mistério da sexualidade e ligou-o de maneira escatológica ao Reino de Deus que vem. A castidade é um longo trajeto, e só se será verdadeiramente casto se se aceitar morrer, se se for capaz de fazer da morte um ato, um ato de dissolução de ligames. Cantamos demasiado facilmente o celibato que faz profissão de castidade, esquecendo que o celibato é uma situação que se vive, enquanto a castidade está noutra nível: não é uma situação, mas uma dinâmica que nunca chega plenamente ao seu objetivo. Nós, humanos, somos muito frágeis, conhecemos pouco as nossas profundidades, não dominamos as profundezas das nossas profundidades, e estamos habitados por pulsões e desejos nem sempre distinguíveis. Precisamente por isto, ousou dizer que quem faz profissão de celibato pode prometer diante de Deus e exprimir com os votos esta situação, enquanto a castidade não devia ser uma promessa, porque a ela o sujeito pode

tender, mas nunca vivê-la sem fendas nem contradições. O celibato cristão requer buscar a castidade, mas não se identifica com ela. Do celibato pode dizer-se que é "grandeza", mas deve também dizer-se que é "miséria", essa miséria que cada um conhece nas suas contradições à castidade: contradições a nível de pensamentos, palavras, ações e também omissões, porque por vezes a castidade verdadeira exige omitir, sobretudo na relação com o Senhor, um investimento daquilo que deve ser investido só na relação sexual entre humanos. A magia é também querer com Deus relações que o Senhor quis apenas entre humanos: relações, boas e belas, mas humanas! É por isso que penso que não se pode viver o celibato sem acreditar, acolher e viver a misericórdia do Senhor. **«Deus é maior que o nosso coração»** (1 João 3,20).

ENZO BIANCHI

In *Il blog di Enzo Bianchi* / Trad.: Rui Jorge Martins / Imagem: "Castidade" (det.) | José del Castillo | 1770-1771 Publicado em 02.02.2021  
[https://www.snpcultura.org/o\\_que\\_e\\_a\\_castidade.html](https://www.snpcultura.org/o_que_e_a_castidade.html)